A EXPERIÊNCIA PRIMEIRA, NA METAFÍSICA E NA RELIGIÃO (*)

Ernani Maria Fiori

O mesmo dinamismo do espírito, sob formas diversas, dialetiza o pensamento metafísico e promove a experiência religiosa. O Objeto de um e de outra não é alcançado somente ao fim de um processo discursivo. Este traduz, legitimamente, em esquemas abstratos, a dialética concreta que brota das raízes do espírito. O metafísico e o religioso, por caminhos diversos, paradoxalmente perseguem um Objeto cuja transcendência se anuncia nas profundezas da subjetividade. Os entes intra-mundanos não são transcendidos por si mesmos; sim pelo espírito, num movimento que assinala a direção da Transcendência.

Voltando, reflexivamente, à fonte em que, continuamente, se constitui e re-constitui seu dinamismo intencional, a consciência radicaliza-se e abre-se para uma nova dimensão interior, na qual o ser se desvela no transcender-se do espírito.

Essa radicalização da consciência não deixa de ser uma redução: não será, porém, redução fenomenológica, antes, repetindo termos de S. Strasser, diríamos tratar-se de redução reflexiva. (1)

(*) Comunicação apresentada ao III Congresso Nacional de Filosofia, São Paulo, 9-14 de novembro de 1959.

(1) S. Strasser, «Le problème de l'âme», trad. de J. Paul Wurtz, Louvain, 1953, pág. 159

I.

O mundo natural, pôsto entre parêntese pela "epoché", é reconquistado pela redução fenomenológica. Através desta, o mundo, antes dado e, após, eliminado, é re-constituído na intencionalidade da consciência extra-mundana ou transcendental. E, assim, a experiência transcendental é inteiramente racionalizada. O que parecia perdido, é recuperado pela consciência transcendental, que se constitui a si mesma, reconstituindo, em seu ativo significar, o mundo englobante das significações objetivas.

A transcendência de Deus também é posta entre parêntese. (2) Mas não nos parece mais recuperável, ao nível da redução transcendental. Na fenomenologia da experiência religiosa, a respectiva análise intencional poderá evidenciar no núcleo noemático da consciência a presença do "sagrado" enquanto significação intra-mundana. Deus, no entanto, é "transcendente de maneira diversa da do mundo". (3)

Pode-se fazer uma fenomenologia da experiência mística, mas não do objeto dessa experiência. Deus não se "fenomeniza", Ele é "não aparente", o que corta a possibilidade de uma "teologia fenomenológica". (4)

E' o que diz Heidegger: "Não creio que dessa fenomenologia possa derivar-se um só predicado atribuível ao Objeto da Fé ou da Religião. A predicação ficará sempre aprisionada no âmbito dos fenômenos e não poderá jamais dar o salto ao transcendente". (5)

Se o Absoluto Transcendente não se pode evidenciar, fenomenologicamente, no pólo objetivo da consciência, não poderá, quiçá, ser Ele reencontrado, através da redução transcendental, no absoluto da subjetividade constituinte?

Isto exigiria que a consciência transcendental, coincidindo consigo mesma, se auto-revelasse como absoluto, não apenas

"transcendental", mas transcendente. Deus, porém, é "absoluto de modo diverso do da consciência". (6)

Apesar disto, essa via ainda permaneceria aberta se a consciência transcendental não fôsse irredutível. A multiplicidade inter-objetiva e inter-subjetiva, no plano transcendental, forçaria uma última e derradeira redução — "redução henológica", denomina-a H. Dumery. (7) Assim, a redução encontraria o seu termo e o seu fundamento: o Um "trans-ordinal" e "trans-categorial". Aqui, no entanto, já se transpõe a fronteira da fenomenologia pura. Torna-se visível que o "salto ao transcendente" se apoia num princípio metafísico: o princípio henológico.

Mas o que é vedado à redução fenomenológica, talvez não o seja a uma redução reflexiva.

II.

Na reflexão, nós nos "voltamos para" os atos espontâneos da consciência. (8) Nesse "voltar-se para", o eu torna-se "espectador imparcial de si mesmo", compreendendo êste "si mesmo" tôda a objetividade que existe para êle. (9) A "reflexão transcendental" é um voltar-se da consciência para si mesma, para a consciência constituinte do mundo fenomenizado. O movimento reflexivo é "retomada de consciência do mundo": "coincidência da consciência com o mundo". (10) Assim em Husserl.

Mas a consciência não é só intenção; usando ainda expressões de Thévenaz: enquanto intenciona, a consciência se atenciona. E essa reflexão não é mais tanto um "voltar-se para", quanto um "adentrar-se em", por uma intimização sempre maior da consciência de si, que, assim, não será mais simples espectadora de si mesma, mas sim consciência que se encontra consigo mesma naquele centro ativo de onde, continuamente, ela nasce

(2) Husserl, *Ideen*, I, § 58.

(3) *Ideen*, I, § 58.

(4) Q. Lauer, «Phénoménologie de Husserl», PUF, Paris 1955, pg. 161, n. 2.

(5) Juan Llabias de Azevedo, «El antiguo y el nuevo Heidegger y un diálogo con él», Instituto de Filosofía, Universidad de la República, Montevideo, 1958, pgs. 26 e 27.

(6) *Ideen*, I, § 58.

(7) H. Dumery, «Le problème de Dieu en philosophie de la religion» Desclée de Brouwer, 1957, págs. 48 a 86.

(8) Husserl, *Méditations Cartésiennes*, Vrin, Paris, 1947, pag. 28.

(9) *Ibidem*, pag. 31.

(10) P. Thévenaz, «La question du point de départ radical», in «Problèmes actuels de la Phénoménologie», ed. por Van Breda, Desclée de Brouwer, Paris, 1951, pag. 23.

e re-nasce. Ai, o ser é presença presente a si mesma e em si mesma, é espírito: o ser desvela-se como ato espiritual de ser, isto é, como afirmação absoluta e incondicionada.

Embora, na finitude, ser e espírito se dialetizem, na busca de uma coincidência total e absoluta que só se cumpre no Infinito, no ser que, em nós, se desvela e se afirma como espírito, a redução reflexiva atinge o irredutível: o ser.

O ser, em nós, é experiência espiritual: enquanto "auto-transparência" (11), é Idéia. A luz dessa Idéia é que as coisas se fazem idéias na intimidade espiritual de nossa consciência. A essa luz revela-se a incomensurabilidade entre o ser e os seres, que é a incomensurabilidade do próprio espírito, pois transcende este a todos os limites e aponta, dinamicamente, para uma plenitude de ser que não se realiza na ordem da multiplicidade e do vir-a-ser. A esta altura e com este fundamento, justificar-se-ia uma "redução henológica", que não reduzisse o ser, mas a relatividade dos seres. A exigência de plenitude e de absoluto que dinamiza o espírito — ser presente a si mesmo, transparência espiritual de ser — determina, dialéticamente, a redução ao Um "trans-ordinal", ao Ser Absoluto e Transcendente.

Essa exigência de absoluto não é apenas ideal: está contida na idéia de ser, mas a idéia de ser é ser como idéia.

Transpondo o tema para uma chave semelhante à da fenomenologia, entendemos que as significações objetivas constituem-se no significar ativo do espírito, acrescentando, porém, que este, na origem de toda intencionalidade, ao radicalizar-se como consciência de si, é, simultaneamente, consciência de ser. A partir do ser tudo faz-se inteligível — a inteligência é luz do ser. "O conhecimento é iluminação intelectual por meio mesmo do ser". (12)

Do ser e no ser tudo ganha sentido. "Todas as unidades reais são unidades de sentido. As unidades de sentido pressupõem uma consciência doadora de sentido". (13) Se só no ser e pelo

ser tudo ganha sentido, então, a consciência absoluta, doadora de sentido, é doadora de ser: o nada, nada é e nada significa. O campo das significações não é mais vasto do que o do ser. (14) Nem diremos que o do ser é mais amplo, diremos apenas que se comensuram: no infinito, Ser e Espírito identificam-se plenamente e tudo o que é, participa do Ser e dele recebe, com o ser, o sentido que o Espírito lhe dá. A Consciência Absoluta não é Transcendental, é Transcendente. E' o que Otto Gründler denomina imprópriamente de "idealismo teístico": a Consciência Divina é criadora de todas as superiores unidades de sentido que encontramos, não na construção fenomenológica, senão no próprio mundo constituído. (15)

Nosso espírito, pois, na medida de seu modo finito de ser, participa do Espírito que se identifica com o Ser. Nossa inteligência significa os seres à luz do Ser, que nela se reflete. "Conhecemos e julgamos todas as coisas na luz da Primeira Verdade, enquanto a luz mesma de nossa inteligência, por natureza ou por graça, nada mais é do que um reflexo da Verdade Primeira". (16)

III.

Nossa experiência espiritual de ser é experiência de "presença do ser em nós e de nossa presença no ser", no ser que nos transcende e de que participamos.

A metafísica é esforço reflexivo para extrair dessa experiência toda sua riqueza e dar-lhe adequada expressão conceitual: no discurso da razão há de ganhar mais nitidez, sem perder a força, a dialética viva do espírito.

A experiência religiosa "é a consciência de si mesmo, aprofundada até os últimos fundamentos e até a base absoluta de nossa vida interior". (17)

- (11) A. Marc, «L'être et l'esprit», Desclée de Brouwer, Paris-Louvain, 1958, pág. 13.
 (12) A. Forest «Nature et rôle de la réflexion», in «Consentement et création», Ed. Montaigne, Aubier, Paris, pág. 109.
 (13) Ideen, I, § 55.
 (14) G. Berger, «Le Cogito dans la Philosophie de Husserl», Ed. Montaigne, Aubier, Paris, Pág. 97.

- (15) O. Gründler, «Filosofía de la Religión», trad. de J. G. de la Serena Favre, Rev. de Occidente, Madrid, 1926, pag. 221 e 222.
 (16) S. Tomás, S. Th., I, q. 88, a.3, ad primum.
 (17) S. Frank, «Dieu est avec nous», trad. de M. Herman, Ed. Montaigne, Aubier, Paris, pág. 49.

Nossa primeira afirmação de ser confunde-se com o nosso próprio ser que se afirma como espírito; e afirma-se na dialeticidade de um ato espiritual de ser que, como ato espiritual, tem a direção do Infinito Transcendente e que, como ato de ser, reclama a Plenitude Concreta. Nessa experiência primeira, já há vaga consciência de nossa participação no ser ou de nossa inserção na comunidade do ser, do ser que nos transcende. Na consciência de inadequação entre os seres nela significados e a significação de ser, sem a qual eles não seriam "significados", manifesta-se a intrínseca referência de nosso espírito ao Absoluto do Ser. (18)

Enquanto a metafísica visa, principalmente, a determinação racional da Unidade Transcendente, a experiência religiosa é, sobretudo, comunicação vital com a origem de onde permanentemente flui a Vida. Nem racionalismo em uma, nem irracionalismo na outra; sem compromissos com o pensamento orteguiano, diríamos que a experiência primeira deve desenvolver-se através da razão vital e da vida também racional.

No convívio misterioso da prece ou no claro-escuro da analogia metafísica, busca-se, sempre com mais profundidade ou clareza, o que, de certa maneira, já está presente em nós: "Tu ne me chercherais pas, si tu ne m'avais trouvé".

(18) Ch. de Moré-Pontgibaud, «Du Fini à l'Infini», Aubier, Paris, 1957, pág. 70.